

AS SOMBRAS DE LEONARDO DA VINCI

Outras obras do autor

Tienes talento

Rezar por Miguel Ángel

Leonardo da Vinci: cara a cara

Christian Gálvez

AS SOMBRAS DE LEONARDO DA VINCI

Tradução
Inês Guerreiro

CLUB
DE
AUT
OR

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.
Reprodução proibida por todos e quaisquer meios.

A presente edição segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

© 2014, Christian Gálvez
Direitos para esta edição:
© 2018, Clube do Autor, S. A.
Avenida António Augusto de Aguiar, 108 - 6.º
1050-019 Lisboa, Portugal
Tel.: 21 414 93 00 / Fax: 21 414 17 21
info@clubedoautor.pt

Título original: *Matar a Leonardo da Vinci*
Autor: Christian Gálvez
Tradução: Inês Guerreiro (Lufada de letras)
Revisão: Silvína de Sousa
Paginação: Maria João Gomes,
em caracteres Revival
Impressão: Caflesa – Soluções Gráficas, Lda. (Portugal)

ISBN: 978-989-724-367-7
Depósito legal: 437469/18
1.ª edição: Março, 2018

www.clubedoautor.pt

A Almudena,
Amore

Vinci, tu victore.
Vinci colle parole un proprio cato.
Tal che dell'arte tua ogni autore
resta dal vostro stil vinto e privato.

Vinci, tu vences.
Vences com as palavras, como uma verdadeira cartilha.
E é tal a tua arte que com o teu estilo derrotas e eclipsas
todos os outros autores.

ANÓNIMO

Nota do autor

Este romance é inspirado em acontecimentos reais. É o resultado de vários anos de trabalho, de viagens, de visitas a numerosos arquivos, bibliotecas e museus. Fruto de uma minuciosa atividade de investigação, compilação de fontes e reconstituição dos factos ocorridos na história.

1

2 de maio de 1519,
mansão de Clos Lucé, Amboise

«Majestade, Leonardo da Vinci está a morrer.»

Subiu as amplas escadas que separavam a entrada do primeiro andar da quinta de Clos em segundos. Francisco I, rei de França, ignorou o comportamento próprio do protocolo real para chegar rápido junto do leito do amigo. Não hesitara um segundo ao deixar a esposa, Cláudia de Valois, em boas mãos, alguns dias antes, depois de confirmado o estado de saúde do seu quarto filho e futuro delfim da casa Valois-Angoulême. Confiava plenamente no serviço do *château* de Saint-Germain-en-Laye.

O mensageiro fora breve e direto. «Majestade, Leonardo da Vinci está a morrer.» Não fora preciso acrescentar mais nada. Francisco e Cláudia necessitaram apenas de um olhar para compreender que aquele imprevisto tinha um único desenlace. O monarca em pessoa estaria presente no último sopro de vida do mestre florentino. Como rei, como padrinho, como aluno, como amigo.

Dois dias intensos de caminho a refletir sobre os últimos tempos. Haviam-se passado apenas três anos desde que Francisco I de Valois e de Angoulême entrara vitorioso em Milão, depois

de vencer a Confederação Suíça na batalha de Marignano, que à data se proclamava senhora do milanesado. Em momento algum a sua ânsia de expansão territorial ofuscara a mente deste jovem rei amante das letras e das artes. Com o seu bom senso, reclamava apenas aquilo que por herança pertencia a sua esposa, Claudia, filha do anterior rei de França, Luís XII de Orleães.

Ali, em Milão, esperava-o um Leonardo cada vez mais velho, mas suficientemente enérgico para voltar a embarcar noutra aventura: atravessar de novo as fronteiras da sua pátria e, desta vez, aceitar o convite de um verdadeiro monarca para se tornar o primeiro pintor, o primeiro engenheiro e o primeiro arquiteto do rei. Embora, na época, Francisco tivesse outros planos. Queria, para lá de qualquer cargo cívico, um conselheiro, um amigo, um pai.

«Faz o que quiseres.» Foram estas as palavras dirigidas a um Leonardo que, logo chegado à nova residência campestre, já imaginava o seu novo ateliê enquanto o seu assistente ainda não acabara de desembalar os instrumentos e as tintas do mestre.

«Como despedirmo-nos de alguém quando não estamos preparados? Como despedirmo-nos de alguém quando sentimos que muito fica por partilhar?» Estas perguntas pairavam na mente do rei enquanto subia as escadas que conduziam ao primeiro andar da quinta onde o seu amigo italiano se estabelecera havia três anos.

Os seus poucos amigos, a criadagem, parte da corte real destinada a Amboise, todos ali estavam, encerrados numa construção de tijolo vermelho e lousa. Ao transpor a porta, não quis interromper o ritual que decorria aos pés do idoso que jazia na cama. Mais tarde, ficaria a saber que Leonardo, que sempre se debatera entre a fé e a razão, acabava de se confessar e recebia a extrema-unção, um indício de que o filho de Vinci sabia que a vida se lhe ia extinguindo.

Lançou uma olhadela pela divisão. Tudo continuava na mesma. A secretária do amigo estava onde o vira escrever pela

última vez, frente à janela. À direita, a lareira, sem sinal de ter sido utilizada recentemente.

Mal o sacerdote terminou o trabalho de Deus, afastou-se da cama para dar lugar ao rei de França. Desta vez, a pressa com que chegara ao quarto transformou-se numa sucessão de passos pesados, lentos, prudentes, respeitosos. À medida que Leonardo voltava a cabeça e, com surpresa, recebia esta inesperada visita, Francisco I louvou, com um sorriso forçado, a companhia de que seu «pai» gozava.

Mathurina, cozinheira, governanta e a extensão viva da residência, já adiantada nos anos, aguardava de um dos lados com uma manta, pois era habitual preocupar-se com a possibilidade de o seu senhor apanhar frio. As rugas que acumulava no rosto eram, na realidade, um conjunto de volumes sobre a experiência que não seria possível encontrar nem nas melhores coleções de Lorenzo de Médici.

— A última coisa que jantou foi uma sopa quente — disse entredentes, afastando o olhar do rei, que, apesar da confiança que tinha com o seu senhor, lhe instilava um profundo respeito.

Francesco Melzi encontrava-se junto à cabeceira. O fiel secretário pessoal de Leonardo não estava há mais de doze anos com ele, mas o seu carinho, a sua preocupação e o trato familiar haviam-no confirmado como o seu braço direito.

— Está tudo a postos, majestade — disse ao rei.

O monarca percebeu imediatamente. Leonardo tivera tempo suficiente e prudência para preparar a sua partida e tinha como assente que o seu testamento estava definido e que mais nada o prendia ao mundo dos vivos.

Francisco I de França dirigiu um olhar rápido ao seu conselheiro real, François Desmoulins. Uma das capacidades do jovem regente era a comunicação não verbal, algo muito útil em situações como aquela. Numa fração de segundo, Desmoulins instou a comitiva que apinhava a pequena sala que fazia as vezes de quarto principal que concedesse a sua majestade alguns minutos de intimidade. Com um pequeno gesto, indicou que os

mais próximos de Leonardo poderiam, se fosse do seu agrado, ficar ali. Nada tinha a esconder daqueles que partilhavam igual afeto pela mesma pessoa.

— *Mon père...* — foram as únicas palavras que o governante de França ousou pronunciar.

— Francesco — disse Leonardo com uma confiança que ultrapassava qualquer solenidade real e um finíssimo fio de voz, o qual mantivera o costume de italianizar os nomes daqueles com quem lidava. — *Grazie* por realizar semelhante...

— Não há nada para agradecer — interrompeu Francisco, evitando que o idoso desperdiçasse esforços. — Por onde anda Caprotti? Pensava que, num momento como este, haveria de querer estar presente. — Sabia que a pergunta era a menos adequada, mas precisava de começar de qualquer maneira, e não sabia quanto tempo lhe restava.

O jovem Francesco apressou-se a responder. Sabia que Salai tinha consciência do delicado estado de saúde do mestre. Ele próprio procurara transmitir-lho por meio de carta, da qual obteve como resposta um seco «mais cedo ou mais tarde, tinha de acontecer». Uma informação que administrou com cuidado e dissimulação, já que a missiva nunca chegou às mãos de Leonardo. Vontade não faltou a Francesco, visto que, apesar do abandono, Leonardo se lembrara de Gian Giacomo Caprotti, aliás, *Salai*, com grande generosidade, no seu testamento. Mas era a vontade do maior génio que havia conhecido, e decidiu mantê-lo na ignorância para não provocar males maiores. Não lhe custou muito mentir a um rei.

— Giacomo encontra-se em Florença a tratar de questões financeiras — afirmou com uma credibilidade esmagadora — e, na impossibilidade de chegar a tempo às vossas terras de França, preferi não o alertar acerca deste funesto acontecimento.

— Maldito fornicador, este diabo! — gritou Leonardo, fazendo acompanhar estas palavras de uma ruidosa tosse. — De certeza que anda a passear a verga e, ao mesmo tempo, a limpar os bolsos, não sabe fazer outra coisa!

Francesco teve de desviar o olhar para esconder o riso. Procurou cumplicidade em Mathurina, mas o que encontrou foi uma silenciosa reprimenda que o fez ruborizar. Francisco acompanhava toda a cena com atenção e, apesar da tristeza que se respirava no ambiente, esboçou uma careta que poderia perfeitamente ter resultado num acesso de riso. Mas, ato contínuo, Leonardo voltou a pousar os olhos no rei de França, como fazia há mais de vinte anos.

— Leonardo, *mon ami*, calma... — sussurrou Francisco enquanto compunha os cabelos de um idoso agora alterado que se revolia ligeiramente por baixo dos lençóis. — Há algo que possa fazer por ti, *maître*?

— Não, majestade. Já não há nada a fazer. Queriam matar Leonardo da Vinci. De uma maneira ou de outra, conseguiram.

Pequenas lágrimas apareceram nos espelhos da alma de Mathurina. Francesco Melzi abanou a cabeça.

Quanto mais tempo passava, mais custava a Leonardo da Vinci articular alguma palavra, e demorava-se a dosear a respiração que expelia de uma maneira inteligente e racional, como se se tratasse de um novo invento para formular as palavras necessárias no tempo certo.

— Tendes de me desculpar, majestade. — Os olhos atônitos de Francisco I não entendiam o porquê desta súplica. — Vós e todos os homens. Vós e Deus em pessoa, que está no céu. Peço perdão, porque o meu trabalho não teve a qualidade que deveria. E é uma ofensa para o Criador e para toda a criação...

Desta vez foram os olhos de Leonardo que, através das lágrimas, se tornaram cristalinos. O ar que se respirava naquela divisão tinha perfume de despedida... e sabor de amargura. François Desmoulins, a personificação do protocolo na corte real, fazia um esforço titânico para manter a compostura. Não integrara o círculo de confiança do quase extinto mestre florentino, mas professava-lhe carinho apenas pela forma como tratava o seu aluno e, ao mesmo tempo, senhor de França. Poucos

meses depois de se instalar nos domínios franceses de Francisco, já se podia ler no rosto do experiente artista italiano a expressão mais sincera de agradecimento por um mecenato sem igual na sua terra natal.

— Quem sou eu para dar conselhos a um rei, isso é trabalho para outros, que, possivelmente, fá-lo-ão melhor do que eu — disse Leonardo apontando com a única mão capaz para François, que nesse momento despertava dos pensamentos. — Mas deixai-me que vos diga, majestade, que tendes de procurar adquirir em vossa juventude aquilo que diminuirá os danos em vossa velhice. Vós, amante das letras e das artes, que acreditais que a velhice tem por alimento a sabedoria, fazei o possível e o impossível em vossa juventude, de tal modo que, em vossa velhice, majestade, não vos falte esse sustento.

— Assim farei, *maître* Leonardo...

Um nó na garganta impedia-o de falar. Nem o uso de sessenta canhões de bronze contra vinte mil soldados pertencentes aos três contingentes dos confederados na batalha por Milão o deixara sem palavras.

— Kekko, meu amigo — dirigiu-se a Melzi —, dispõe de tudo tal como determinámos. Agora sois vós o protetor.

As pausas entre palavras eram cada vez mais longas.

— Assim se fará, mestre — assentiu Francesco, de forma mais sentimental do que profissional. — Está tudo preparado. Podeis descansar em paz.

Leonardo voltou-se para a sua vetusta governanta. Antes de abrir a boca, abraçou-a com um enorme sorriso. Mathurina secava as lágrimas com um pano, o mesmo que dias depois lhe seria entregue de forma especial.

— Mathurina, manda os meus cumprimentos a Battista de Villanis, que cuide de Milão e do Salai. E a ti, eterna companheira, obrigado por cada palavra de ânimo que me dedicaste. — Nem a tosse do mestre maculou a atmosfera de carinho. — Por vezes, tal como as palavras têm duplo sentido, as peças de roupa estão cosidas com duplo forro.

Ninguém compreendeu esta última frase, nem Mathurina. Também ninguém se esforçou para entender o enigma das suas palavras. Mais cedo ou mais tarde, ou alguém teria uma surpresa ou o mestre levaria o resultado da adivinha para a sepultura.

— Leonardo, dei ordem para iniciar o vosso projeto. O *château* de Chambord começará a ser construído logo que dispusermos do necessário. Domenico está ansioso por ver o seu trabalho arquitetónico fundido com a escada de dupla hélice. França e Itália, tudo em um. Apesar da dificuldade que implicava criá-lo a partir do nada, asseguro-vos que será um êxito, *mon ami*.

Francisco I presenteou-o com estas belas palavras. Sabia que Leonardo nunca veria a obra terminada. Nem chegaria a ver o pôr do Sol. Mesmo assim, tomava por certo que uma boa notícia alegraria os ouvidos recetivos do sábio amigo. No entanto, o rei não estava preparado para ouvir as palavras pronunciadas a seguir.

— Majestade, não perdi contra a dificuldade dos desafios. Perdi apenas contra o tempo... — disse Leonardo, retirando importância às notícias de Chambord.

— *Maître*, prefiro que me chameis Francesco — respondeu o rei num ato de humildade que Leonardo soube agradecer com o mais caloroso dos olhares.

— Assim seja, querido Francesco, assim seja. — E fechou os olhos. — Kekko..., aproximai-vos...

O ajudante aproximou-se, veloz. Nesse breve período, Francesco Melzi esqueceu a presença do rei de França, e o próprio Francisco I passou por cima dessa falta de formalidade.

— Dizei, mestre... O que desejais? — perguntou, como se o tempo parasse apenas para agradecer ao tutor.

— Apenas um abraço, meu amigo. Apenas um abraço — respondeu Leonardo com um delicado tom de voz.

Quando Melzi se abalançou serenamente sobre o corpo do mentor, criou-se tal fusão que qualquer casal de amantes teria

hesitado. Mas, longe de qualquer libido, ali respirava-se carinho, respeito, admiração e dor, muita dor.

— Kekko, meu amigo. Não estejas tão triste. — Leonardo tentou apaziguar o incondicional e jovem assistente com belas palavras. — Viverei sempre que falarem de mim. Lembra-te de mim. — E terminou piscando-lhe um olho carregado de cumplicidade.

Leonardo inspirou de tal maneira que os ali presentes souberam que não veria um novo amanhecer. Que a vida lhe fugia. Após tanto sofrimento e tanta perseguição. E tanta mensagem em código e tanta pincelada para a história. Leonardo da Vinci chegava ao fim.

— Francesco..., amigos... chegou a hora... — Simultaneamente venerável e vulnerável, Leonardo estava preparado para partir — ... de percorrerem o caminho sem mim.

— Mestre! — gritou Melzi sem reprimir um soluço.

— *Maître... Mon père...* — As palavras do rei afogaram-se não só no seu próprio mar de lágrimas, mas no oceano onde se fundiam com as lágrimas dos outros.

— Chegou a hora... de voar...

E voou. Mais alto e mais longe do que nunca. Um voo de ida, apenas. Um voo que, mais cedo ou mais tarde, todos faremos. Um silêncio sepulcral invadiu a sala.

François Desmoullins, como se de um fantasma se tratasse, deu meia volta e, sigilosamente, transpôs a porta que, ato contínuo, fechou com extrema precaução.

Mathurina encharcou de lágrimas o pano, que já não enxugava líquido algum.

Francisco I manteve-se em silêncio. Um silêncio cortês e admirável. Um silêncio que dizia tudo.

Francesco Melzi, *Kekko*, caiu no chão, junto à cama, com o piscar de olhos cúmplice a pairar-lhe na memória.

Leonardo da Vinci conquistara o céu ancorado ao chão.